

Tatjana Manojlovic  
 é doutoranda de Estudos  
 de Teatro (Faculdade de  
 Letras da Universidade de  
 Lisboa)  
 >

## A peça bilingue de Hélia Correia Tatjana Manojlovic

**Hélia Correia, *Desmesura: Exercício com Medeia*, Lisboa, Relógio D' Água, 2006, 52 pp.**

O mundo dramático da romancista e poeta Hélia Correia começou em 1991, quando a editora Dom Quixote publicou as suas primeiras obras teatrais: *Perdição: Exercício sobre Antígona e Florbela*.

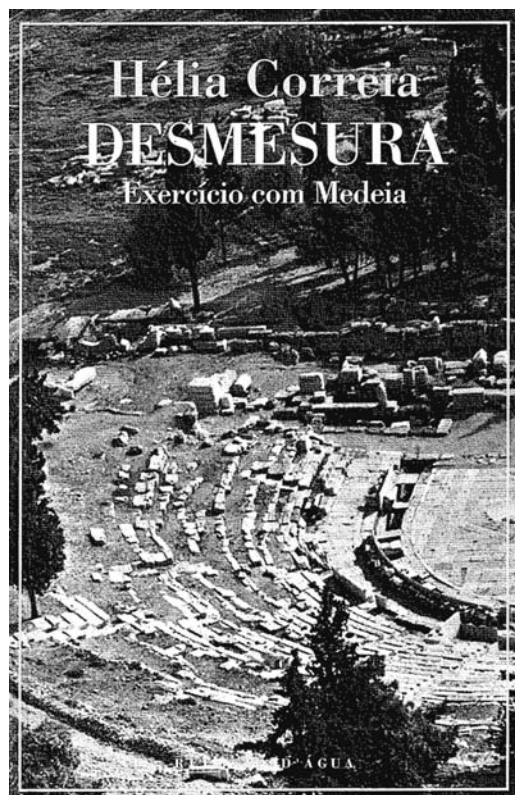
*Perdição* não foi apenas a primeira peça da autora, mas também o início de uma insigne trilogia alicerçada na mitologia grega, da qual fazem parte *Orancor: Exercício sobre Helena* (Relógio D' Água, 2000) e esta *Desmesura: Exercício com Medeia*. Embora as três recriações sejam diferentes nas suas estruturas dramáticas, elas estão unidas pela abordagem inovadora de mitos, pertencentes aos ciclos gregos dos Sete Contra Tebas (*Perdição*), da Guerra de Tróia (*Orancor*) e dos Argonautas (*Desmesura*), e pela explícita designação, em subtítulo, de *Exercício*.

A autora dedica o seu mais recente texto dramático, *Desmesura*, a Eurípedes, cuja *Medeia* tem, ao longo dos anos, influenciado numerosas peças da dramaturgia universal. A intriga de *Desmesura* segue o enredo eurípidiano e fala-nos da última noite e manhã de Medeia no corte em Corinto, enquanto refugiada com a sua família.

Composta de três partes, a peça abre com o Lamento pelos heróis e o Hino a Hécate, entoados pelos dois coros, cujas palavras simbolizam o forte contraste entre as visões feminina e masculina. Enquanto os homens choram a morte dos seus compatriotas guerreiros, o Hino a Hécate é dedicado a uma deusa ctónica, maga e antepassada de Medeia. Ao mesmo tempo é estabelecida uma outra confrontação dominante ao longo da peça: a que opõe o mundo dos humanos/mortais ao mundo divino/imortal, personificado por Medeia.

Como a sua homóloga eurípidiana, Medeia domina todo o drama. A protagonista heliana é caracterizada pela sua personalidade superior e pelo seu desmesurado amor por Jasão. Desmesurado, apenas na visão dos mortais que a rodeiam – cidadãos gregos que a temem, incluindo o seu marido, o herói da época que roubou o velo de ouro. Desde logo está latente o medo dos poderes de Medeia, misturado com inveja das mulheres pela sua individualidade semidivina.

Os conflitos que nascem no círculo das cinco personagens, originados pela cisão anteriormente mencionada, evoluem em sequenciais confrontos entre as escravas (Melana, Éritra e Abar) e os seus senhores (Jasão e Medeia) ou entre os gregos (Jasão, Melana, Éritra) e as bárbaras (Medeia e Abar). As identidades étnicas das figuras são sublinhadas quer pela linguagem que usam, quer pelas suas aparências físicas.



Na estrutura linguística, a autora cria diálogos com réplicas breves. As falas de Medeia são poeticamente sublimes e apresentam os mais belos passos da peça: "Como eu fui destinada para Jasão, ainda antes que o tempo começasse. É com ele que eu respiro e me alimento, não com o ar, não com os frutos..." (p. 38).

Na sua primeira aparição em cena, Medeia fala uma língua estrangeira que só Abar compreende. Na didascália (p. 22), a autora aponta o diálogo inicial da protagonista e outras réplicas que, numa representação cênica, deveriam ser ditos em geórgico moderno, uma das línguas caucasianas que no palco substituirá o colco, a língua pagã de Medeia. Esta é precisamente a componente mais visível do confronto entre o grego e o bárbaro – a língua que não se percebe na Grécia e que une a protagonista e a sua serva núbica na posição humilhante de serem estrangeiras entre cidadãos que as desprezam. Abar personifica o espírito de Medeia, a sua última ligação com a pátria e os pais que em tempos traiu. Ao criar o discurso bilingue para o palco, a autora descortina a existência de mais um idioma, não falado, escondido no coração moribundo da serva egípcia: "Eu lembro bem a minha língua de infância, a núbica." (p. 24). Contudo, nem esta



<  
*Medeia*,  
de Eurípedes,  
enc. Yukio Ninagawa,  
1983 (Tokusaburo Arashi  
no papel de Medeia),  
fot. Alaister Muir.

língua de sol, nem a de um "doce país dos montes e dos nevoeiros" (p. 48) soam bem aos ouvidos gregos.

Enquanto na sua fala inicial a antiga princesa da Cólquida obriga Abar a responder em colco (p. 22), porque "falar com ela é tudo o que me resta" (p. 24), mais tarde, Medeia pede-lhe para dizer o que sente por ela e usa a palavra "amor" (p. 36). Nenhuma das escravas compreende a primazia do amor que sustenta a sua senhora, nem acreditam que ela o possa sentir por uma serva negra de vulto selvagem aos olhos dos gregos. Se neste passo Medeia fala do amor, ela não encontrará a palavra certa para descrever os seus sentimentos por Jasão: "Eu bem a procurei, essa palavra nova. Não existe. Se houvesse uma palavra, eu poderia talvez achar conforto, convertê-la num sentimento que me consolasse" (p. 38).

Pela profundidade do seu sofrimento e pela dedicação absoluta à única motivação da sua vivência no mundo dos mortais, encontramos uma certa compaixão por Medeia. Ela tenta adaptar-se ao mundo dos humanos: pinta o cabelo de vermelho, para ser mais parecida com a sua rival; emudece quando sabe da traição do marido; fala da sua família da Cólquida, da sua terra e da língua, e consegue controlar a sua identidade semidivina até à

última rejeição do marido. A partir daquele passo (p. 50), Medeia solta a sua raiva, desmesurada diante de um mundo de oportunistas e cobardes, de mulheres e homens medíocres. Ao assassinar Abar e os filhos, Medeia destrói as suas únicas preciosidades – a língua e o amor –, e aniquila a sua parte humana.

O teatro de Hélia Correia é o de forte domínio da palavra e de construção dramática variável. Um teatro distinto, quase íntimo, onde os temas helénicos da nossa herança universal passam a ser histórias pessoais sobre o amor, amizade, família, traição e vingança. Onde as personagens femininas superam as posições deuteragonistas e revelam consciência e poder em confrontos mentais e psicológicos com as figuras masculinas.

Hélia Correia conseguiu com *Desmesura: Exercício com Medeia* criar o seu melhor texto teatral. Um desafio intelectual e artístico para futuras encenações num palco bilíngue, numa sociedade aparentemente cada vez mais multilíngue.